

SÉRGIO LUÍS DE CARVALHO

NÃO ME  
CHAMES  
DE... 

 Planeta

## Índice

Prefácio .....	9
Insultos de uso diário que não dispensam dicionário .....	11
Insultos sem palavrões sob a forma de expressões .....	53
Insultos com cultura para fazer boa figura .....	89
Insultos de salão com chávena de chá na mão .....	135
Insultos com picante para gente pouco elegante .....	193
Insultos do quotidiano para usar todo o ano .....	227



## Prefácio à nova edição

Woody Allen dizia que só há duas coisas inevitáveis: a morte e os impostos. Talvez seja verdade... Mas verdade mesmo é o facto de que quer a morte, quer os impostos, merecerem uns bons insultos. Pelo menos os impostos, que a morte exige mais respeito...

Reeditar esta versão restaurada, revista, ampliada e reestruturada do *Dicionário de Insultos* em 2021 é um ato da maior sensatez. Afinal, insultar bem exige um contexto favorável, e poucos contextos serão mais favoráveis do que este. 2020 foi o que sabe, e este ano de 2021 também promete... Relembre-se de que as primeiras edições deste livro surgiram em 2014, no auge daquela crise económica e social que nos impuseram uns senhores bem-pensantes e bem-falantes que garantiam que a culpa era nossa, pois estávamos a gastar acima das nossas possibilidades. Em 2014, esses senhores mereceram todos os insultos que ternamente lhes dedicámos. Insultos, aliás, que há muito tais senhores também nos dedicavam, sendo disso exemplo aquele famoso acrónimo PIGS (Portugal, Italy, Greece, Spain) com o qual eles crismavam o Sul da Europa, países em que, nas palavras de um deles, os habitantes gastavam o dinheirinho com copos e mulheres. Sábias palavras vindas de um cavalheiro que, a julgar pelo seu aspeto, nunca gastaria um cêntimo com qualquer uma dessas coisas.

Assim, se 2014 teve um contexto favorável a um livro que ensina a insultar, 2021 também se ajeita. Por isso, aqui estamos com nova edição.

Uma edição com outra organização e com outra lógica, pois esta nova versão está dividida por categorias e não segundo uma ordem alfabética.

Leve-se em conta que muitos dos insultos que constam de uma categoria específica, poderiam estar também noutras categorias. Mas temos de fazer escolhas. Ora fazer escolhas exige fazer opções polémicas. Por isso, se o caro leitor achar que alguns insultos estão na categoria errada, insulte-me à vontade, que é para isso que aqui estamos. Em 2021 como em 2014...

INSULTOS DE USO DIÁRIO  
QUE NÃO DISPENSAM DICIONÁRIO





Estes são aqueles insultos que, pela sua vetustez ou pelo regionalismo, mais exigem um bom domínio lexical. É possível que o caro leitor pense que se confundem com aqueles insultos cultos e eruditos que exploramos noutra secção. Não estará muito enganado. Contudo, estes insultos serão, frequentemente, menos claros e menos evidentes, pois muitos já mal se usam. Porém, não quisemos deixar de os trazer a esta colação, pois bem se sabe que, como na tropa, também na linguagem *a antiguidade é um posto*.

Se os usar, caro leitor, deve conhecer bem o seu interlocutor, pois se julgar que ele é incapaz de compreender estes insultos, não os use, visto que poderá passar por pedante. Há insultos piores que *pedante*, é verdade, mas não creio que o caro leitor gostasse de os escutar.

Comecemos pela ***abantesma***, ou, como vulgarmente se diz numa daquelas tão comuns corruptelas populares, a *aventesma*, criatura que com frequência nos rodeia, sobretudo no local de trabalho, e que se caracteriza por não fazer nada e por atrapalhar muito (definição livre). De acordo com os etimologistas, o termo *aventesma/abantesma* tem a sua origem no grego *phántasma*, que significa *espectro* ou *entidade imaginária*.

Claro que, como o leitor já reparou, o étimo grego está também na origem do fantasma. A *aventesma* de todos os dias é, na sua origem,



um ser espectral (mas materialmente chato), e quem os conhece, concordará, decerto. E os pescadores poveiros decerto concordariam com tal asserção, já que na mitologia dos mareantes da Póvoa de Varzim existia uma figura, a *aventesma* (*benetesma*, no calão local), que consistia num gigantesco fantasma vestido com hábito clerical, que se postava no horizonte do mar. E era tão alto que chegava a formar um arco no céu. Ao vê-lo, os pescadores deviam atirar-lhe um tamanco; se o tamanco passasse o arco feito pela *aventesma*, seria bom presságio e dever-se-ia seguir o caminho.

É curioso notar que muitas vezes, ao longo da história, as pessoas de uma cultura estranha ou de civilização desconhecida eram apelidadas de fantasmas. A China do século XVI e XVII, é um desses exemplos, em que todos os estrangeiros sem exceção levavam roda de fantasmas (*gui*, em mandarim). Para os chineses da época, os forasteiros quase não tinham entidade física e ainda menos moral. Eram meros abantesmas...

Por vezes, quando estamos a falar de uma traição feita por alguém ou de uma aliança que se revela negativa, dizemos que uma pessoa deu um *abraço de urso* a outrem. Ou seja, estamos a falar de uma pessoa que pela frente se mostrava muito amigo de alguém a quem dava abraços e palmadinhas nas costas (nem que fosse metaforicamente), e que depois o traía indecentemente. Enfim, uma amizade ou aliança que acaba mal.

A explicação para esta história é simples. O urso, apesar do seu ar fofinho, é um animal selvagem que possui uma força enorme. Se agarra um pobre mortal, pode facilmente matá-lo. Conclusão lógica: fujamos dos ursos selvagens, mas mais ainda dos abraços dos falsos amigos...

O epíteto *abstruso* deveria aplicar-se mais a textos do que a pessoas, mas enfim, por vezes as belas-lettras têm caminhos ínvios. O que sucede é que o *abstruso* vem do latim *abstrusus*, ou seja, aquilo que tem difícil compreensão ou que é secreto. Aplicado às pessoas, designará alguém que é hermético, árduo de entender, complicado até se tornar chato e insuportável.

Razão tinha o filósofo inglês David Hume quando garantia em 1758 que «a Natureza interdita o pensamento abstruso».

Já o **abúlico** é menos ofensivo. Será irritante, desanimador e chato, mas há coisas piores. Isto digo eu, embora reconheça que trabalhar com um pode ser desesperante. Para tão irritante defeito, é interessante saber que o étimo é grego. Provém do prefixo *a* (sem) e da palavra grega *boulé* (vontade). E se o abúlico não tem vontade, provoca nos outros, amiúde, vontade de o abanar. No mínimo.

De pessoa áspera, azeda, com má vontade, se diz que é **acrimonioso**.

Termo fino para designar, afinal, uma pessoa que as mais das vezes se limita a ser malcriada...

Mas *acrimónia*, de onde deriva o acrimonioso, tem no seu étimo um significado diverso. Na antiga Roma, a *acrimónia* era sinónimo de acutilância, de algo que deixava um sabor amargo. Era mau? Não necessariamente. Muitas vezes a verdade e a frontalidade sabem mal, mas fazem bem. O que não sucede com o acrimonioso. Com o tempo, afinal, a amargura pode tornar-se acidez...

Se é verdade que há evoluções curiosas em muitas palavras, poucas terão uma mutação tão interessante como o **amanuense**. Hoje, o amanuense é o burocrata no seu estado mais simples, é o pequeno profissional de secretaria ou de repartição, é o pequenino funcionário tão zeloso como irritante.

Nem sempre foi assim, é claro. Na antiga Roma, o amanuense era o secretário que copiava à mão (*manu*) os textos que lhe eram dados ou que escrevia o que lhe ditavam. Literalmente, era o *servo da mão*. Longe de ser um mero burocratazito, o romano *amanuensis* era o homem de *mão* indispensável a quem tivesse poder e responsabilidade.

Como os tempos mudam, até na burocracia...

Difícilmente haverá campo mais fértil a insultos finos e fundos que o campo religioso. **Apóstata** é só mais um...

Em termos formais, o apóstata é aquele que renega a sua fé e a troca por outra. Para um crente, conceber que alguém, por vontade própria, abandone a sua fé e passe para o campo do inimigo é algo de impensável. Deste modo, facilmente se imagina a carga negativa que o termo possui.

E não se pense que a apostasia é algo de censurável, de criticável ou de condenável apenas no cristianismo. Longe disso. A apostasia é coisa que revolta as mais variadas religiões. Em alguns países, ainda é considerada crime.

A origem do termo não tem mistério algum. Vem do grego antigo *apostasia*, que significa deserção, defeção, rebelião. E sem a carga romanizada que a rebeldia por vezes tem...

O **atarantado** (popularmente também se lhe chama o *taranta*) é o tipo sem tino e sem norte...

Segundo alguns, o termo terá nascido de um tipo de aranha oriunda da cidade italiana de Taranto (região de Puglia), cuja picada tornava as vítimas aturdidas e desorientadas, isto é, atarantadas. Da mesma origem é, aliás, a palavra tarântula, que alguns por aí têm como bicho de estimação, vá-se lá saber porquê.

E ainda dessa origem é a dança italiana *tarantela*, que alguns apelidam de dança um pouco tonta. Gostos...

Agora temos a **azêmola**. Tal como o asno e o burro, também é insulto para gente rude e ignorante. Insulto antigo, claro. Tão antigo como a língua árabe, de onde terá nascido. Para os árabes, a *as-zamila* era um cavalo velho e sem préstimo. Pobre bicho...

Deixemos estas tarantices e passemos ao **badameco**. Eis alguém desprezível e sem valor. Não vale a pena perdermos tempo com ele, a não ser para ver como aparece este epíteto.

Entre os romanos, a expressão *vade mecum* traduzia-se por *anda comigo*. Mas não a tomemos à letra. Ninguém ia com ninguém. Para os romanos o *vade mecum* era um pequeno manual de coisas práticas

que era usual levarem para todo o lado. A julgar pela evolução do termo, o manual devia ser de fraca qualidade...

Quem estudou os textos portugueses da Idade Média ou dos períodos posteriores tropeça por vezes no epíteto *barregã*, enquanto sinónimo de *mulher que vivia amancebada*. A origem do termo, infelizmente, é incerta, mas é bem antigo, pois já no início do século XI surge na documentação. Já nessa altura a barregã era a teúda e manteúda.

Já agora, e porque o caro leitor não sabe quando poderá precisar deste assunto como desbloqueador de conversa, podemos informar que a primeira barregã portuguesa foi a primeira amante do nosso rei fundador, Afonso Henriques. Chamava-se Chamôa Gomes, da casa condal de Toronho, terra situada a sul da ria de Vigo. Dessa primeira barregã portuguesa nasceu o nosso primeiro bastardo real: Fernando Afonso.

E se o leitor quiser brilhar ainda mais em reuniões sociais, poderá ler outras informações deste quilate no livro *O rei embebedado de amor...* (Planeta).

Um antigo provérbio português diz: «Tempos virão em que darão pão as terras vãs e governarão os filhos das barregãs.» A primeira parte ainda não se cumpriu.

**Beócio.** Assim às primeiras parece mais o habitante da Beócia (Grécia) do que um insulto. Pois é, o insulto *beócio* (que se refere a indivíduo rude e bronco) tem mesmo a ver com aquela região grega. É que entre os antigos gregos o natural da Beócia era tido como criatura boçal e ignorante. Já se sabe que todos os países têm uma zona geográfica que era, tolamente, o bobo da festa... Pelos vistos, para os gregos era a Beócia.

E, contudo, a cultura grega muito deve a esta região, pois aí nasceram Hesíodo, Píndaro, Epaminondas e Plutarco, entre outros, que boa fama deram à história helénica. Segundo alguns, a origem deste preconceito terá nascido pelo facto de nessa região existirem muitos bois – em grego, *bous* –, que não são animais afamados pela inteligência. Mas é uma origem controversa e os linguistas desconfiam...

Eu gosto do insulto *biltre*. Soa-me a insulto fino, requintado, daqueles que nos saem redondos da boca e que parecem retirados de uma novela romântica ou de um romance gótico... Pelos vistos, Filinto Elísio também gostava, pois num dos seus poemas mais atacadores exclamava: «Balôfos, biltres, mazorraes syndapsos...» (*Parnaso Lusitano* I, p. LXXIV). Não sei o que ele quis dizer, mas, como garantia o professor Higgins num romance de Bernard Shaw passado ao cinema (*Pigmalião*, o livro; *My Fair Lady*, o filme): «Não importa muito o que se diz, desde que o digamos bem.» (Citação libérrima.)

Temos então o *biltre*. O *biltre* é malvado, o *biltre* é traíçoeiro, o *biltre* é danado. O *biltre* é *biltre*. Todavia, a sua origem é diversa do seu atual significado, pois o *biltre* era, entre os gregos, um termo filosófico que caracterizava uma palavra vã, inútil e sem significado.

No século XVIII o termo ganhou uma vertente humana e passou a designar pessoa sem préstimo ou valor, enfim, um mendigo, segundo a mentalidade do tempo. Assim, *biltre* popularizou-se em francês (*belitre*) com esse mesmo significado: *mendigo*. E de França passou à Península, onde deu o termo final de *biltre*.

Se o leitor quiser seguir a longa, complexa e zigzagueante história deste fino epíteto, aconselho a leitura do artigo do prof. Walter de Sousa Medeiros, *Bíltris & Cindapsos – Dois Hápax Helénicos em um Passo Obscuro de Filinto Elísio* (disponível na Internet). Só o refiro porque gosto particularmente do título do artigo.

Insulto muito localizado geograficamente, historicamente e politicamente é o *boche*. O termo designa depreciativamente os alemães em geral e não necessariamente os nazis.

A sua história é curiosa e remonta ao século XIX, em França, onde a palavra *caboche* designava popularmente uma cabeça dura, teimosa e obstinada. Com o tempo, os franceses foram abreviando a palavra para *boche* e na Primeira Guerra Mundial começaram a apelidar desse modo os alemães. Porquê? Talvez por os verem como uns casmurros, com aqueles capacetes grandes e pesados que lhes faziam a cabeça dura.

Já na Segunda Guerra, o termo começou a ser bem mais insultuoso devido à barbárie da ocupação nazi de França. Hoje, atira-se à cara dos alemães de que não gostamos.

Curiosamente, este insulto não teve o mesmo sucesso noutros países. Os ingleses sempre preferiram *jerry*, *kraut* ou *hun*, como se nota na velha frase de Churchill: «Os hunos (*huns*) ou estão aos nossos pés ou estão agarrados à nossa garganta.»

Todos sabem o que é um **bordel**. Numa asserção positiva, é um estabelecimento comercial como qualquer outro, que até já deu grandes contributos artísticos, sendo disso exemplo – entre outros –, o quadro *As Meninas de Avignon*, de Picasso, pintado em 1907, obra fundadora do movimento cubista. Diga-se, já agora, que as damas representadas no icónico quadro não eram nem *meninas* nem eram de Avignon, mas sim um grupo de prostitutas de um bordel sito na Rua de Avignon, em Barcelona.

O bordel chamava-se Ca la Mercè e a dita rua, Calle de Avinyó, ainda existe. Fica no Bairro Gótico.

Passando da arte para o campo do insulto e do chavascal, sabemos que designar uma casa ou um local como sendo um *bordel* alegadamente pouca quem lá vive. Será uma casa desregrada, imoral e pecaminosa.

Ao contrário do que por vezes se diz, o termo bordel não provém do termo francês *bor de l'eau* (*beira d'água*), que designava as casas perto dos rios nas quais as meretrizes levavam a cabo a sua atividade. Na verdade, o termo tem origem no francês arcaico *bordel*, que significava *cabana* ou *casota de madeira*.

O **bufão** é alguém que faz rir, um tipo algo tolo e disparatado, de resto.

É uma espécie de bobo, mas com uma pátina mais clássica.

O termo vem do latim *buffo* (designativo de *graça*), cujo aumentativo em italiano dá *buffone* (designativo de *cómico* ou *grotesco*). Daí vem, claro, a *ópera-bufa*... Porém, deve-se também salientar que o *bufo* era, entre os romanos, o *sapo*. Entre nós, o termo *bufo* designa ainda o denunciante, o delator.

Curiosamente, em castelhano também surge daqui o epíteto *truhan*, de onde deriva o muito nosso *truão*, cujo significado não é muito diverso de bufão.

**Cabotino** é o arrogante e incompetente. Insulto erudito, como de resto se verá pela sua origem. Entre os atores, o *cabotino* é aquele que tenta chamar as atenções sobre si mesmo, as mais das vezes em interpretações excessivas e pantomineiras (*overacting*).

No século xvii existiu em França um empresário teatral chamado Cabotin, conhecido pela escassa competência e pela falta de qualidade dos seus textos. Parece que também era dentista e que vendia os seus ineficazes elixires enquanto recitava os seus fracos versos. Ou seja, associava dois tormentos.

Daí virá o termo, afinal um galicismo. E assim o senhor Cabotin passou para a História, se bem que não como ele gostaria. Mas como dizem os *marketeers*, má publicidade é coisa que não existe.

**Cafre** é alguém que se destaca pela crueldade e grosseria, pela rusticidade e boçalidade. Inicialmente designava os nativos da África negra e não era necessariamente ofensivo. Passou a sê-lo quando os árabes o usaram para anatematizar os animistas não muçulmanos da África subsariana.

E, na verdade, o termo é de origem árabe, pois sabe-se que nasceu de *cafir*, que significa meramente *infiel*. No árabe arcaico, curiosamente, o termo designava o *semeador*, que depois de lançar a semente a cobria com terra. Por isso, *cafir* também significava *encobrir*. Estendeu-se depois à linguagem religiosa com alguma lógica, pois para o crente mais fanático, o infiel é alguém que esconde ou encobre a verdade. E sabemos como na religião o *infiel* tem sempre a pior das fomas...

Já **celerado** é um insulto que não dá margem para equívocos. Designa pessoa vil, criminosa e traiçoeira.

O seu étimo não engana (como o algodão do anúncio). Vem do latim *scleratus*, que significa curto e grosso *bandido* ou *criminoso*. Não há que enganar com os celerados.

O poeta romano Horácio disse um dia, num azedo ataque de pessimismo: «Os nossos pais, piores do que os seus, geraram-nos ainda mais celerados do que eles; nós, por nossa vez, geraremos filhos ainda mais celerados do que nós.»

O mito iluminista da perfeitibilidade contínua do espírito humano não passou por aqui...

Insulto antigo e eclesial, ligado ao mundo freirático: *chichisbéu*.

Na origem era o galã das damas; entre nós, passou a designar o galã de freiras. O termo caiu em desuso, tal como o mundo em que o cavaleiro se inseria, um mundo de freirinhas contrariadas, de abadessas descuidadas e de fidalgos libidinosos.

A sua origem virá do italiano, onde tal palavra existe e onde também havia tal hábito. Os autores italianos filiam o termo numa mistura de *ci-ci-ci* e *babeo* (*oportunist*a, na língua de Dante). Por outras palavras, caricaturava-se a criatura como sendo um gago indeciso mas insistente. Uma figura de pantomima, enfim.

Júlio Dantas diz dos chichisbéus, a que apelida de *freiráticos*: «Nunca houve em amor, ninguém tão escarnecido, tão explorado – e tão pouco exigente como o freirático. Um olhar de coro, uma palavra na grade, um suspiro no ralo; nada mais desejava, nada mais pedia.» (*in O Amor em Portugal no Século XVIII*).

Um tratado...

Se há figura que ao longo da história mais mitos alimenta e mais lendas produz será a famosa *concubina*. Lânguida e deliquescente nos seus almofadões, a concubina alimentou imaginações e artistas. Mozart criou a ópera *O Rapto do Serralho* (1782), Chen Kaige realizou o filme *Adeus, Minha Concubina* (1993), e inúmeros pintores as desenharam nos haréns do mítico Oriente. Aliás, já no Antigo Testamento temos a célebre história do levita e da sua concubina.

Percebe-se que o termo possa ser insultuoso. A concubina, se ontem era a amante de um governante importante, hoje é uma espécie de mulher ilegítima, de meretriz. O étimo confirma a veia concupiscente



da coisa... Em latim o termo *concupere*, de onde vem a nossa concubina, tem precisamente o significado de *deitar com; coabitar com*. Ora aí está...

Vimos a concubina como um exemplo de languidez, de luxúria e de concupiscência. Pois bem, de onde vem o termo **concupiscente**, o que designa e como evoluiu? Antes de mais saiba-se que pode ser um termo insultuoso se designar uma pessoa com uma libido desregrada que o leva a desprezar a moral e os bons costumes.

Na Bíblia, o termo surge uma dezena de vezes, o que nem é muito, sobretudo se se levar em conta que fornicção (que se lhe associa) surge muito mais. De qualquer modo, o étimo é latino: *concupere* que significava *ter grande desejo por*. De *concupere* vem a romana *concupiscentia*, e daí a nossa concupiscência. De *concupere* advirá ainda a *cupidez*, o que faz com que ambos os termos (concupiscente/concupiscência e cupidez/cúpido) sejam parentes.

É, como disse a propósito deste insulto o escritor Gustave Flaubert no seu *Dicionário das Ideias Feitas*: «Concupiscência – palavra de padre – cura para designar os desejos carnis.»

Realmente soa a coisa de missa...

Nos maus velhos tempos da Inquisição, **contumaz** era epíteto grave. Designava o herege que reincidia na sua heresia e que não cedia às técnicas de convencimento do tristemente famoso tribunal. O contumaz não desistia, não cedia, não abandonava a sua fé. Acabava mal, claro. Enfim, é o tipo que persiste no incumprimento.

O termo vem do latim *contumax*, que significa *insistente e firme*. Hoje é usado sobretudo em questões jurídicas e já não religiosas, como se pode ler na fascinante leitura do Registo de Contumazes da Direção Geral da Administração da Justiça (disponível *online*).

O **crápula** é a pessoa reles e ruim, enganadora e viciosa.

O termo vem do latim *crapula*, que por sua vez vem do grego *kraipále*, que nas terras helénicas significa *embriaguez*. Assim, durante muito

tempo o termo referia-se sobretudo a pessoa licenciosa e ébria, dissoluta e libertina. Mais tarde alargou-se a outro tipo de vícios mais morais.

Mas hoje, afinal, quem chama de crápula a um pobre bêbado?

Insulto fino para significado reles: **cropólogo**. Basicamente o cropólogo é a criatura que não consegue falar sem dizer cinco palavrões em cada quatro palavras. Dito de outra forma, é a pessoa que tem uma pulsão incontrolável para usar linguagem obscena. A coprolalia surge frequentemente em pacientes com Síndrome de Tourette.

O termo vem do grego *coprolalia*, união das palavras *copro* (*destrito* ou *fezes*) com *lalia*, derivado de *lalein* (*falar*). Bom, com isto tudo, da próxima vez que se deparar com alguém assim, pense que, provavelmente, está na presença de um doentinho e não de um grandessíssimo malcriado.

A propósito: o ator e autor português Herman José protagonizou há vários anos um *sketch* no qual personificava um infeliz representante da MARSAPO (Movimento Associativo Renovador dos Sofredores Anónimos de Pornolalia), que não conseguia falar sem repetir compulsivamente os mais variados palavrões. Note-se que o termo *pornolalia* não existe em português (e sim em italiano), sendo neste caso um sinónimo de *coprolalia*. De qualquer modo, o *sketch* é fabuloso.

**Deliquescente** significa o *que se derrete*, o *que se dissolve*, o *que se liquefaz*... Mas como se passa disto para um insulto? Sigamos o termo desde as origens, como quase sempre fazemos.

Comecemos pelo latim *deliquescere*, que significa *derreter* ou *tornar líquido*. O termo teria passado para a química e generalizou-se. E generalizou-se de tal modo que passou a associar-se à atitude humana de se deixar embalar num misto de preguiça, languidez e até degeneração. Há muita gente assim, sobretudo nos locais de trabalho.

E depois temos o **desembestado**. Numa associação mais ou menos livre pode ser um primo do descarado, pois também o desembestado faz coisas à toa sem pensar em conveniências, isto é, age intempestivamente.

Pensará o leitor que isto deve ter a ver com bestas, isto é, com animais. Mas a lógica nem sempre é o que parece, sobretudo nos dias que correm. Na verdade, cremos que tem mais a ver com outras bestas, ou seja, aquelas armas aparentadas com os arcos dos arqueiros. Tal como os arcos disparam flechas, as bestas disparam virotões.

Diga-se que os besteiros (os atiradores de besta) eram particularmente temidos, pois as bestas disparam projéteis (os citados virotões) com maior precisão e mais força do que os arcos. Os virotões saíam intempestivamente e desembestadamente dessas armas, tão terríveis que até a Igreja as interditava (sem sucesso, diga-se).

Já agora uma curiosidade pouco mais do que inútil. Por que razão, em termos militares, os arcos nunca passaram de moda se eram suplantados em força e precisão pelas bestas? Porque um arqueiro podia disparar nas calmas meia dúzia de flechas enquanto um besteiro se limitava a disparar um só virotão. O manejo da besta era complexo, caro e lento; o do arco, rápido, fácil e barato. Hoje, as bestas (armas) são usadas por alguns corpos especiais das forças de segurança.

Todavia, é verdade que não pomos de lado a hipótese de desembestado poder ter algo a ver com bestas (agora sim, cavalos) correndo à desfilada.

O *diletante* é o indivíduo que se ufana de conhecimentos que, na verdade, não possui. Por outras palavras, é o tipo que fala das coisas com convicção, mas de modo superficial.

Curiosamente, o termo chegou até nós por via italiana. O dilettante, no século XVIII, era o amante da boa música, com origem no latim *delectare* (*apreciar* ou *deleitar-se*). Mas no século XIX o termo modificou-se e passou a referir-se a alguém cujos conhecimentos são mais aparentes do que reais. Ainda que a criatura em causa não o saiba...

Muitos insultos são, como se sabe, dirigidos a comportamentos e à suposta moral duvidosa de quem pratica tais comportamentos. O *dissoluto* é mais um.

O *dissoluto* é o que tem comportamentos dissolventes, isto é, ameaçadores do alegado bom equilíbrio social. Na origem, o dissoluto era realmente o que *dissolvía*, pois vinha do latim *dissolutus* que, por sua vez, vem de *dissolvere* (*desintegrar* ou *separar*).

O dissoluto, no fundo, comporta-se de modo ameaçador para a sociedade e dá maus exemplos que podem levar à sua dissolução.

Vamos lá a ver... Não é que **draconiano** seja realmente um insulto. Mas em casos extremos pode referir-se a alguém que toma medidas demasiado rígidas, demasiado radicais e extremistas.

Dracón foi um político e um governante ateniense que no século VII a.C. governou a cidade por alguns anos. Impôs um rígido código que foi, aliás, o primeiro código legal escrito grego, pois até aí as leis eram baseadas numa tradição oral. Que as leis eram rígidas e que entravam a matar, não há dúvidas. Qualquer roubo era sempre punido com a morte, por exemplo. Dracón não era de modas; era draconiano. Porém, também é verdade que pela primeira vez estabeleceu a diferença entre homicídio voluntário, involuntário e de legítima defesa. Trezentos anos depois, os atenienses diziam que as leis draconianas tinham sido escritas com sangue e não com tinta...

Já estou a ouvir alguns leitores dizerem que de um homem assim é que nós precisávamos. Cuidado com o que deseja, caro leitor, pois pode vir a tê-lo.

Nalgumas igrejas antigas, sobretudo nas maiores, havia à entrada um espaço para dois tipos de pessoas muito particulares: um espaço para os catecúmenos (os ainda não batizados) e um espaço para os **energúmenos**.

Hoje, o energúmeno é o idiota, o bruto, mas naquele tempo era o endemoninhado, o possesso. A igreja não lhe fechava as portas, mas punha-o ali quietinho à espera que o chibo imundo lhe saísse do corpo por consideração para com o espaço onde estava. Esse espaço tinha o nome de nártex e ainda pode ser visível em algumas igrejas românicas e góticas.

Tudo isto é muito natural se levarmos em conta que a palavra grega *energúmenos*, de onde vem o nosso *energúmeno*, significa, precisamente, pessoa possuída por espírito imundo.

O *engrimanço* é uma pessoa que é um atraso de vida. É chato, não atane desata... Em alguns locais designa também um *peralvilho*.

Pois tudo isso é verdade se se pensar que antigamente o *engrimanço* era o discurso demasiado elaborado, demasiado enrolado e oco, quase incompreensível. Uma chatice, enfim. Um engrimanço... Já todos ouvimos alguns. E já todos conhecemos alguns...

E que dizer do *estrambótico* (ou, como por vezes se diz, *estrambólico*)? Aplicado a gente, é um qualificativo que nos remete para alguém estranho, bizarro ou esquisito. Se for pobre, é doido; se for rico, é excêntrico.

Bom, a origem do termo é literária. Antigamente o *strambotto* era um conjunto de três versos que se acrescentava aos usuais catorze versos de um soneto. O que resultaria daqui deveria ser suficientemente estranho para fazer escola como epíteto negativo. Parece que no Renascimento italiano foi popular na Sicília...

O *estulto* é o estúpido, mas em fino. Já o seu étimo, de resto, o denuncia, pois em latim o *stultus* era o tolo, o parvo. Curiosamente, usou-se o termo *estultar* na Península Ibérica durante a Idade Média, mas com o sentido de insultar. Depois é que pelos vistos veio a parvoíce... Mas já na Bíblia se usava o termo com a asserção de tolo, pois aí se diz que os sonhos dão asas aos estultos. E em *Provérbios* 12:16, afirma-se: «O estulto manifesta logo a sua raiva, mas o homem sagaz dissimula o desprezo.»

*Eunuco* designa homem fraco, impotente, sem préstimo. Originalmente o eunuco era o homem castrado usado para guardar os haréns. Inofensivo, claro, por lhe faltarem os atributos para o não ser. Já o insulto é tudo menos inofensivo.

Ora o termo vem do grego *eunoukhos*, que significava *guardador do leito* (de *eune*, termo para *cama*, e *okhein*, ou seja, *guardar*). Uma curiosa

contradição. O guardador do leito era alguém incapaz de se deitar cabalmente nele...

As palavras (e os insultos) têm às vezes histórias bizarras. Veja-se o *execrável*, que se refere a pessoa repugnante em termos morais. Curiosamente, entre os romanos o *execrável* era tudo o que se devia afastar das coisas sagradas. Era formado pelos termos *ex* (exterior a) e *sacer* (sagrado). O *execrável* é, pois, tudo o que deve ser apartado do que é sagrado, sério e decente.

Da religião passou-se para o mundo laico. Execráveis, hoje, existem em todo o lado. Como dizia Cervantes: «O hipócrita que parece querer ser um homem de bem não é tão execrável como o que tem vaidade dos seus erros.»

O *facínora* é o *criminoso*, o *delinquente*. Num sentido figurado é o homem de má catadura moral e princípios que só não são duvidosos por ser claro que são mesmo maus. O seu étimo confirma. Vem do latim *facinus*, que significa *ato criminoso* ou *atentado*. Tipo a evitar.

Na Península Ibérica é expressão insultuosa desde o século xv e inicialmente tinha uma feição sobretudo antissocial. Mas cuidado. Esta criatura pode disfarçar bem o seu estatuto. Como dizia Shakespeare: «Um homem pode agradar e sorrir e não passar de um facínora.»

O *famigerado* é aquele que tem má fama. O que é, diga-se, uma curiosa evolução, já que na sua origem latina o *famigerado* não tinha uma carga negativa. O *famigeratu(m)* era tão somente aquele que *tinha fama* e pouco mais. Com o tempo é que a coisa foi descambando para a... má fama.

O escritor brasileiro Guimarães Rosa tem um conto com este nome.

Será raro, será desatualizado e será arcaico, mas eu gosto de *felão*. Parece coisa de foral medievo, de crónica de Fernão Lopes, de cantiga de maldizer. E é. Em tempos antigos, era insulto rijo e bravo, capaz de desencadear ódios ou de provocar duelos. O *felão* é o traidor, o que não

respeita a palavra dada e o compromisso assumido. Por vezes, também designava o cobarde. Coisa séria em qualquer caso.

Alguns autores antigos pensam que provém do latim *follis*, que dá origem a *fole* em português. O *felão* era assim o vaidoso, o inchado (como se soprado por um fole), o convencido que, no final, não era digno de crédito, como todos os cagões.

Com o tempo o felão desvaneceu-se. É pena. Enche bem a boca e faz boas rimas. Mas nem tudo está perdido para este insulto. No Brasil *felão* é nome.

O *ferrabrás* é tipo fanfarrão, arrogante. Que leva tudo e todos à sua frente.

Tem uma origem literária bem antiga, pois remonta a canções de gesta medievais francesas, nomeadamente a *Chanson de Roland* (século XI).

Aí existia um mítico rei árabe, o Fierbras, cujo nome dará em francês o *fier-à-bras*, que se referia já a pessoa arrogante e fanfarrona.

O termo veio para sul e chegou até cá. Em francês antigo, curiosamente o epíteto queria dizer *bravo* ou *indomável*.

O *filibusteiro* era outrora o *pirata*. Hoje é o tipo dado a roubos e traças. No século XVII designava sobretudo os piratas de origem holandesa e inglesa que infestavam os mares das Antilhas saqueando e roubando. A origem do termo é complexa e vem de uma mistura de neerlandês e de inglês arcaico (como o termo arcaico inglês *filibutor*, ou seja, *saqueador* ou *pirata*).

Hoje, há no Senado americano uma curiosa forma de intervenção parlamentar chamada de *filibuster* (palavra associada a este étimo) que consiste na possibilidade de um orador falar horas a fio só para bloquear uma proposta de lei que lhe desagrade. De algum modo, será uma pirataria...

Há um filme clássico de Frank Capra (de 1939) com James Stewart onde um ingénuo senador faz *filibuster* para combater a corrupção: *Mr. Smith goes to Washington* (*Peço a Palavra*, em português).